

Roberto Piva
PARANÓIA

Roberto Piva
Paranóia

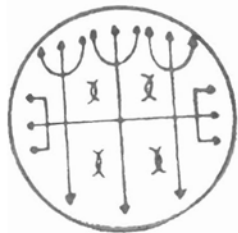
Fotografado e desenhado por
Wesley Duke Lee

Primeira edição

Editores Massao Ohno - 1963

Segunda edição

Instituto Moreira Salles - 2000



Paranóia

Copyright © 2000

by Roberto Piva e Wesley Duke Lee

Produzido por

Jacarandá Edição e Design

Publisher

Toninho Mendes

Revisão

Luiz Guasco

Fotolitos

DPI

Impressão

EGM Gráfica e Editora Ltda

Reproduções fotográficas

Patricia de Filippi

A presente edição

tem os direitos reservados

ao Instituto Moreira Salles

Av. Eusébio Matoso, 891, 22º andar.

Cep: 05423-180. São Paulo – SP.

Tels.: (0 XX 11) 867-1172; fax: (0 XX 11) 814-0773

Internet – <http://www.ims.com.br>

E-mail: ims@nutecnet.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piva, Roberto, 1937

Paranóia / Roberto Piva; fotografado
e desenhado por Wesley Duke Lee. – 2ª – São Paulo:
Instituto Moreira Salles e Jacarandá, 2000.

ISBN 85-86707-03-1

1. Poesia brasileira I. Lee, Wesley Duke. II. Título.

00.0855

CDD-869.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Século 20: Literatura brasileira 869.915

2. Século 20: Poesia: Literatura brasileira 869.915

Sumário

<i>Visão 1961</i>	7
<i>Poema Submerso</i>	22
<i>Paranóia em Astrakan</i>	27
<i>Visão de São Paulo à noite Poema Antropófago sob Narcótico</i>	33
<i>A Piedade</i>	47
<i>Praça da República dos meus Sonhos</i>	55
<i>Poema de ninar para mim e Bruegel</i>	61
<i>Boletim do Mundo Mágico</i>	71
<i>O Volume do Grito</i>	77
<i>Jorge de Lima, panfletário do Caos</i>	83
<i>Stenamina boat</i>	86
<i>Poema lacrado</i>	90
<i>L'ovalle delle apparizioni</i>	97
<i>Rua das Palmeiras</i>	101
<i>Os anjos de Sodoma</i>	105
<i>Paisagem em 78 R.P.M.</i>	109
<i>No Parque Ibirapuera</i>	115
<i>Poema Porrada</i>	127
<i>Poema da Eternidade sem Visceras</i>	135
<i>Meteoro</i>	141

*O Piva define o momento. Um poeta com rosto de menino
atravessa a cidade rompendo sozinho um hímen gigantesco.
Poesia de sangue, que gera uma flor no sexo
da adolescência. Visão de Piva, antropófago, São Paulo na
boca, madrugada no dente, poesia no estômago.
Um poeta com cara de menino atravessa a cidade.
Puxando a juventude.*

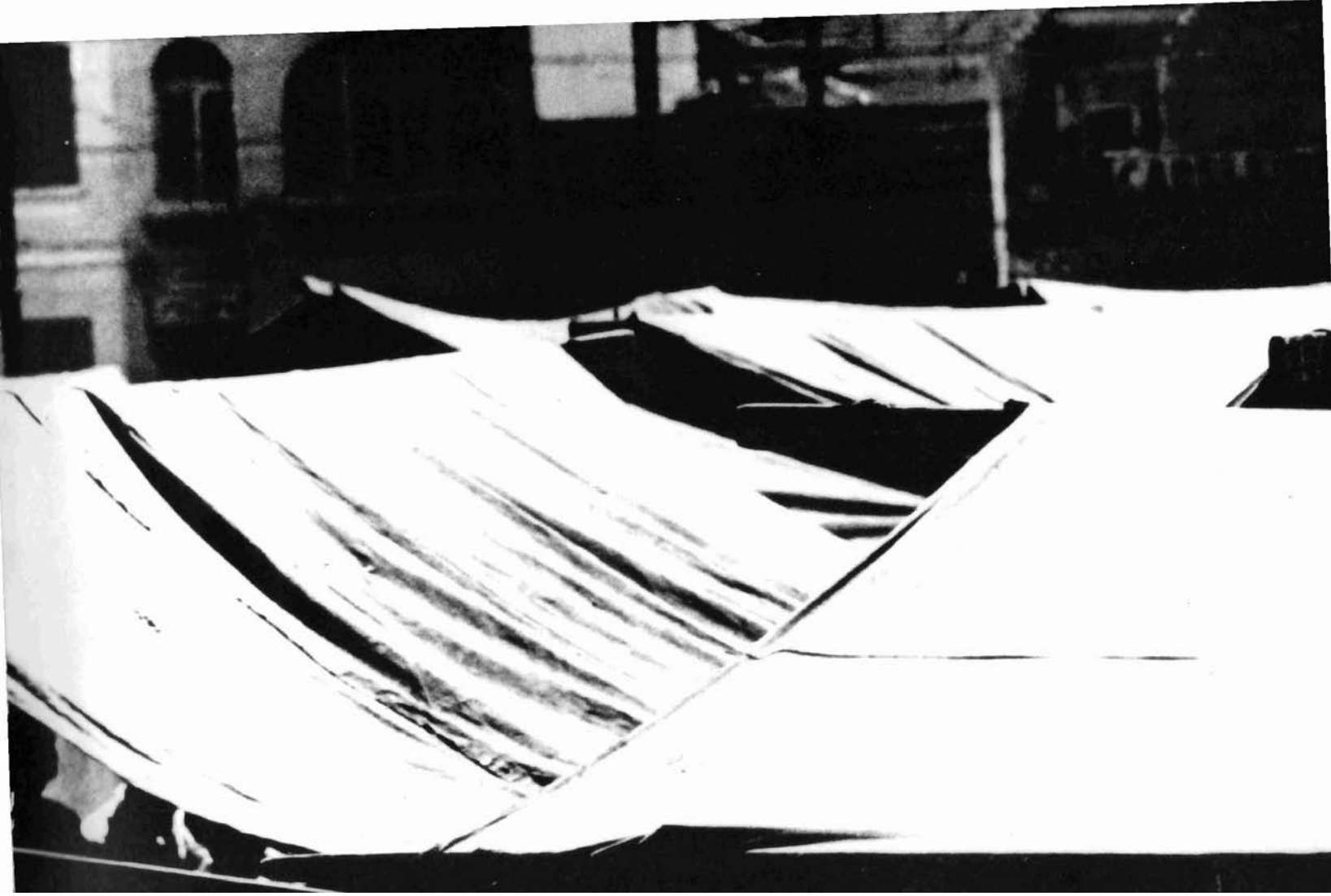
*Thomaz Souto Corrêa
S P 1963*



Visão 1961

*as mentes ficaram sonhando penduradas nos esqueletos de fósforo
invocando as coxas do primeiro amor brilhando como uma
flor de saliva
o frio dos lábios verdes deixou uma marca azul-clara debaixo do pálido
maxilar ainda desesperadamente fechado sobre o seu mágico vazio
marchas nômades através da vida noturna fazendo desaparecer o perfume
das velas e dos violinos que brota dos túmulos sob as nuvens de
chuva
fagulha de lua partida precipitava nos becos frenéticos onde
cafetinas magras ajoelhadas no tapete tocando o trombone de vidro
da Loucura repartiam lascas de hóstias invisíveis
a náusea circulava nas galerias entre borboletas adiposas e
lábios de menina febril colados na vitrina onde almas coloridas
tinham 10% de desconto enquanto costureiros arrancavam os ovários
dos manequins*

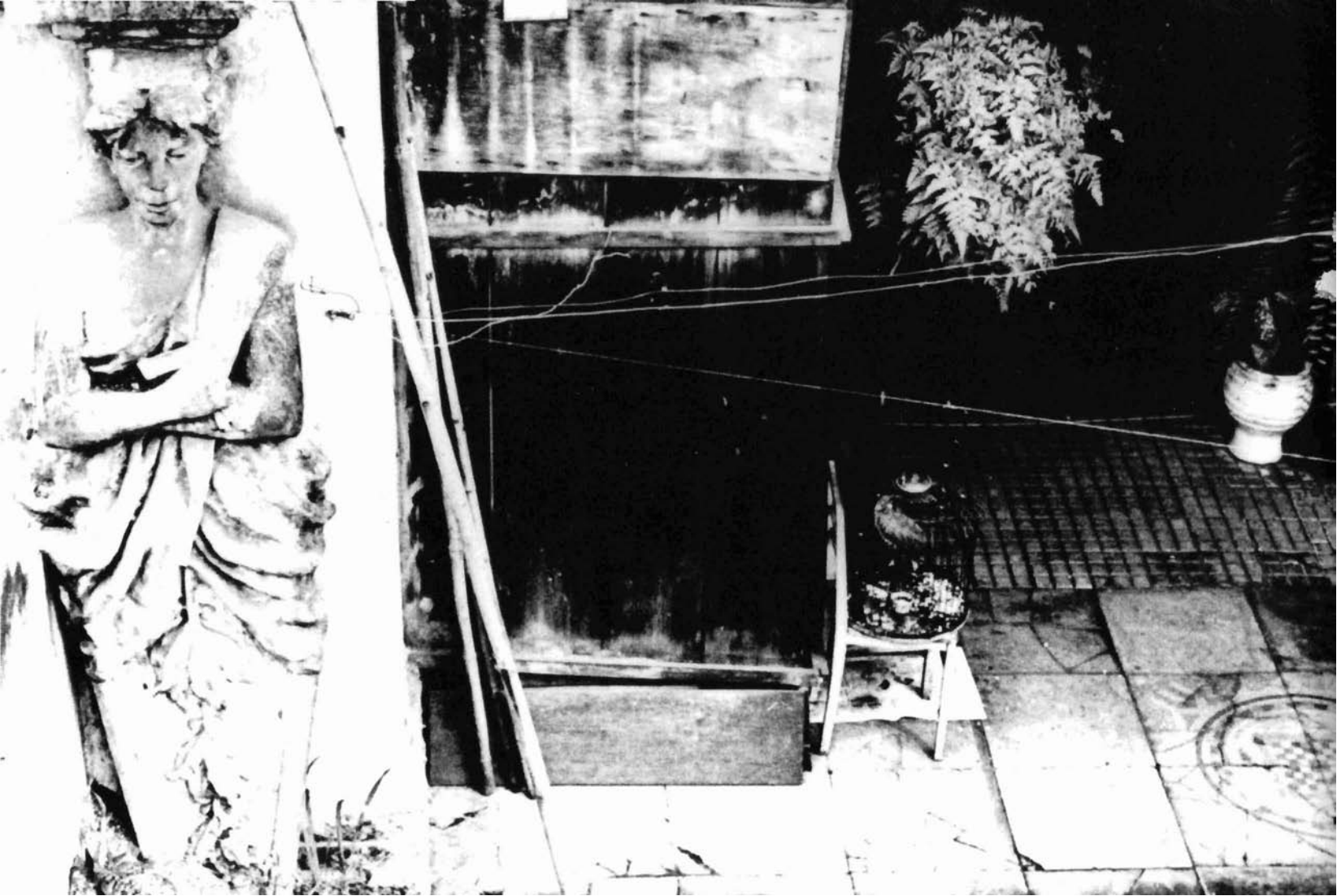
*minhas alucinações pendiam fora da alma protegidas por caixas de matéria
plástica eriçando o pêlo através das ruas iluminadas e nos arrabaldes
de lábios apodrecidos
na solidão de um comboio de maconha Mário de Andrade surge como um
Lótus colando sua boca no meu ouvido fitando as estrelas e o céu
que renascem nas caminhadas
noite profunda de cinemas iluminados e lâmpada azul da alma desarticulando
aos trambolhões pelas esquinas onde conheci os estranhos
visionários da Beleza*





*já é quinta-feira na avenida Rio Branco onde um enxame de Harpias
vacilava com cabelos presos nos luminosos e minha imaginação
gritava no perpétuo impulso dos corpos encerrados pela
Noite*

*os banqueiros mandam aos comissários lindas caixas azuis de excrementos
secos enquanto um milhão de anjos em cólera gritam nas assembléias
de cinza OH cidade de lábios tristes e trêmulos onde encontrar
asilo na tua face?*



*no espaço de uma Tarde os moluscos engoliram suas mãos
em sua vida de Camomila nas vielas onde meninos dão o cu
e jogam malha e os papagaios morrem de Tédio nas cozinhas
engorduradas
a Bolsa de Valores e os Fonógrafos pintaram seus lábios com urtigas
sob o chapéu de prata do ditador Tacanho e o ferro e a borracha
verteram monstros inconcebíveis
ao sudoeste do teu sonho uma dúzia de anjos de pijama urinam com
transporte e em silêncio nos telefones nas portas nos capachos
das Catedrais sem Deus*



el greco

en la

antor



*arte culinária ensinada nos apopléticos vagões da Seriedade por
quinze mil perdidas almas sem rosto destrinchando barrigas
adolescentes numa Apoteose de intestinos
porres acabando lentamente nas alamedas de mendigos perdidos esperando
a sangria diurna de olhos fundos e neblina enrolada na voz
exaurida na distância*



*cus de granito destruídos com estardalhaço nos subúrbios demoníacos pelo
cometa sem fé meditando beatamente nos púlpitos agonizantes
minhas tristezas quilometradas pela sensível persiana semi-aberta da
Pureza Estagnada e gargarejo de amêndoas emocionante nas palavras
cruzadas no olhar
as névoas enganadoras das maravilhas consumidas sobre o arco-íris
de Orfeu amortalhado despejavam um milhão de crianças atrás das
portas sofrendo*

*nos espelhos meninas desarticuladas pelos mitos recém-nascidos vagabundeavam
acompanhadas pelas pombas a serem fuziladas pelo veneno
da noite no coração seco do amor solar
meu pequeno Dostoievski no último corrimão do ciclone de almofadas
furadas derrama sua cabeça e sua barba como um enxoval noturno
estende até o Mar
no exílio onde padeço angústia os muros invadem minha memória
atirada no Abismo e meus olhos meus manuscritos meus amores
pulam no Caos*



Poema Submerso

*Eu era um pouco da tua voz violenta, Maldoror,
quando os cílios do anjo verde enrugavam as
chaminés da rua onde eu caminhava
E via tuas meninas destruídas como rãs por
uma centena de pássaros fortemente de passagem
Ninguém chorava no teu reino, Maldoror, onde o
infinito pousava na palma da minha mão vazia
E meninos prodígios eram seviciados pela Alma
ausente do Criador*



CASTELO CAL 32

CASTELO CAL 22



*Havia um revólver imparcialíssimo vigiado pelas
Amebas no telhado roído pela urina de tuas borboletas
Um jardim azul sempre grande deitava nódoas nos
meus olhos injetados
Eu caminhava pelas aléias olhando com alucinada ternura
as meninas na grande farra dos canteiros de
insetos baratinados
Teu canto insatisfeito semeava o antigo clamor dos
piratas trucidados
Enquanto o mundo de formas enigmáticas se desnudava
para mim, em leves mazurcas*



Paranóia em Astrakan

Eu vi uma linda cidade cujo nome esqueci

*onde anjos surdos percorrem as madrugadas tingindo seus olhos com
lágrimas invulneráveis*

*onde crianças católicas oferecem limões para pequenos paquidermes
que saem escondidos das tocas*

*onde adolescentes maravilhosos fecham seus cérebros para os telhados
estéreis e incendeiam internatos*

*onde manifestos niilistas distribuindo pensamentos furiosos puxam
a descarga sobre o mundo*

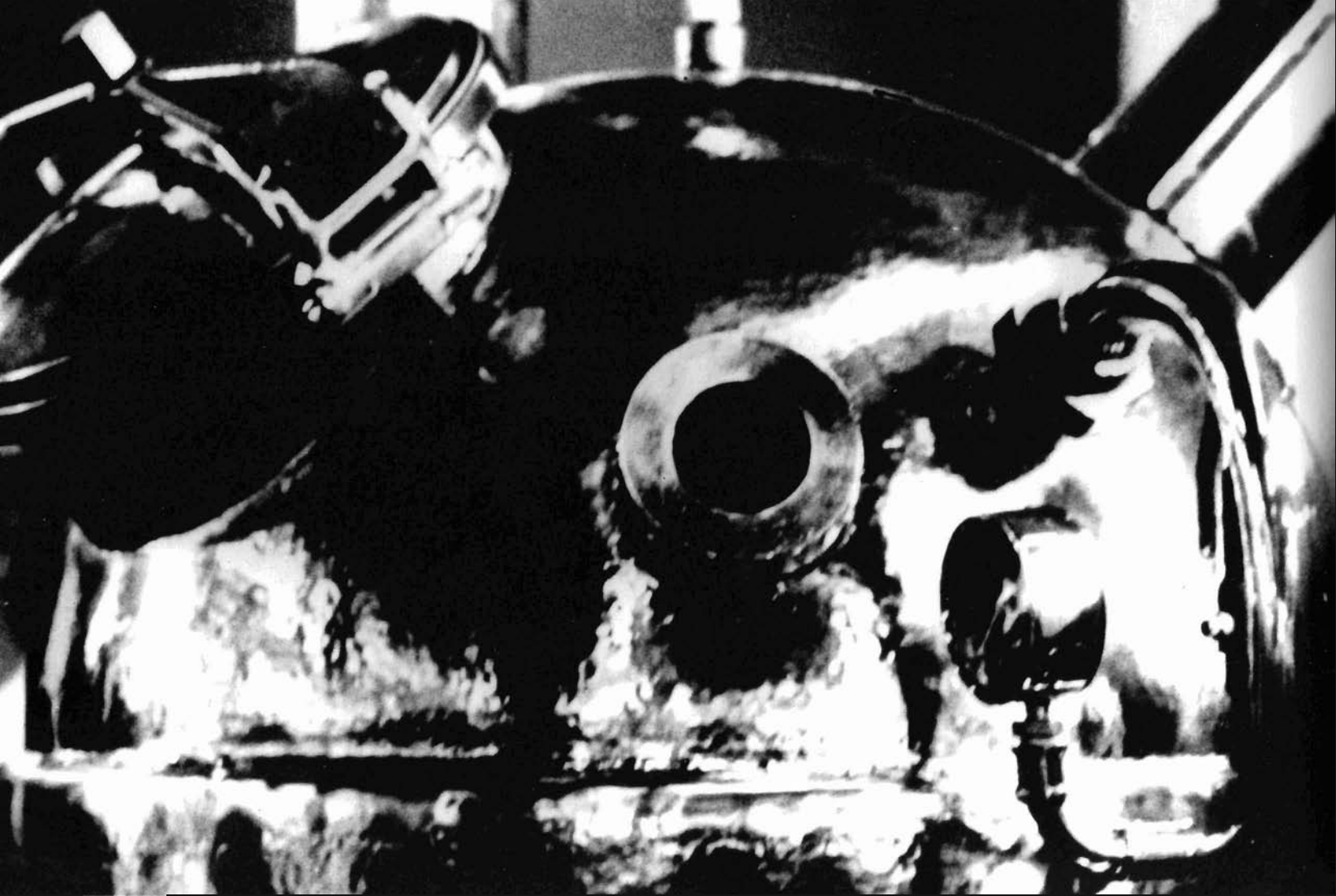




*onde um anjo de fogo ilumina os cemitérios em festa e a noite caminha
no seu hálito
onde o sono de verão me tomou por louco e decapitei o Outono de sua
última janela
onde o nosso desprezo fez nascer uma lua inesperada no horizonte
branco*

*onde um espaço de mãos vermelhas ilumina aquela fotografia de peixe
escurecendo a página
onde borboletas de zinco devoram as góticas hemorróidas das
beatas
onde as cartas reclamam drinks de emergência para lindos tornozelos
arranhados
onde os mortos se fixam na noite e uivam por um punhado de fracas
penas
onde a cabeça é uma bola digerindo os aquários desordenados da
imaginação*





Visão de São Paulo à noite
Poema Antropófago sob Narcótico

*Na esquina da rua São Luís uma procissão de mil pessoas
acende velas no meu crânio
há místicos falando bobagens ao coração das viúvas
e um silêncio de estrela partindo em vagão de luxo
fogo azul de gim e tapete colorindo a noite, amantes
chupando-se como raízes*





SERZIDO
INVISIVEL
AV. SÃO JOÃO, 755-5 - 1553

*Maldoror em taças de maré alta
na rua São Luís o meu coração mastiga um trecho da minha vida
a cidade com chaminés crescendo, anjos engraxates com sua glória
feroz na plena alegria das praças, meninas esfarrapadas
definitivamente fantásticas
há uma floresta de cobras verdes nos olhos do meu amigo
a lua não se apóia em nada
eu não me apóio em nada*

*sou ponte de granito sobre rodas de garagens subalternas
teorias simples fervem minha mente enlouquecida
há bancos verdes aplicados no corpo das praças
há um sino que não toca
há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios
reino-vertigem glorificado
espectros vibrando espasmos*



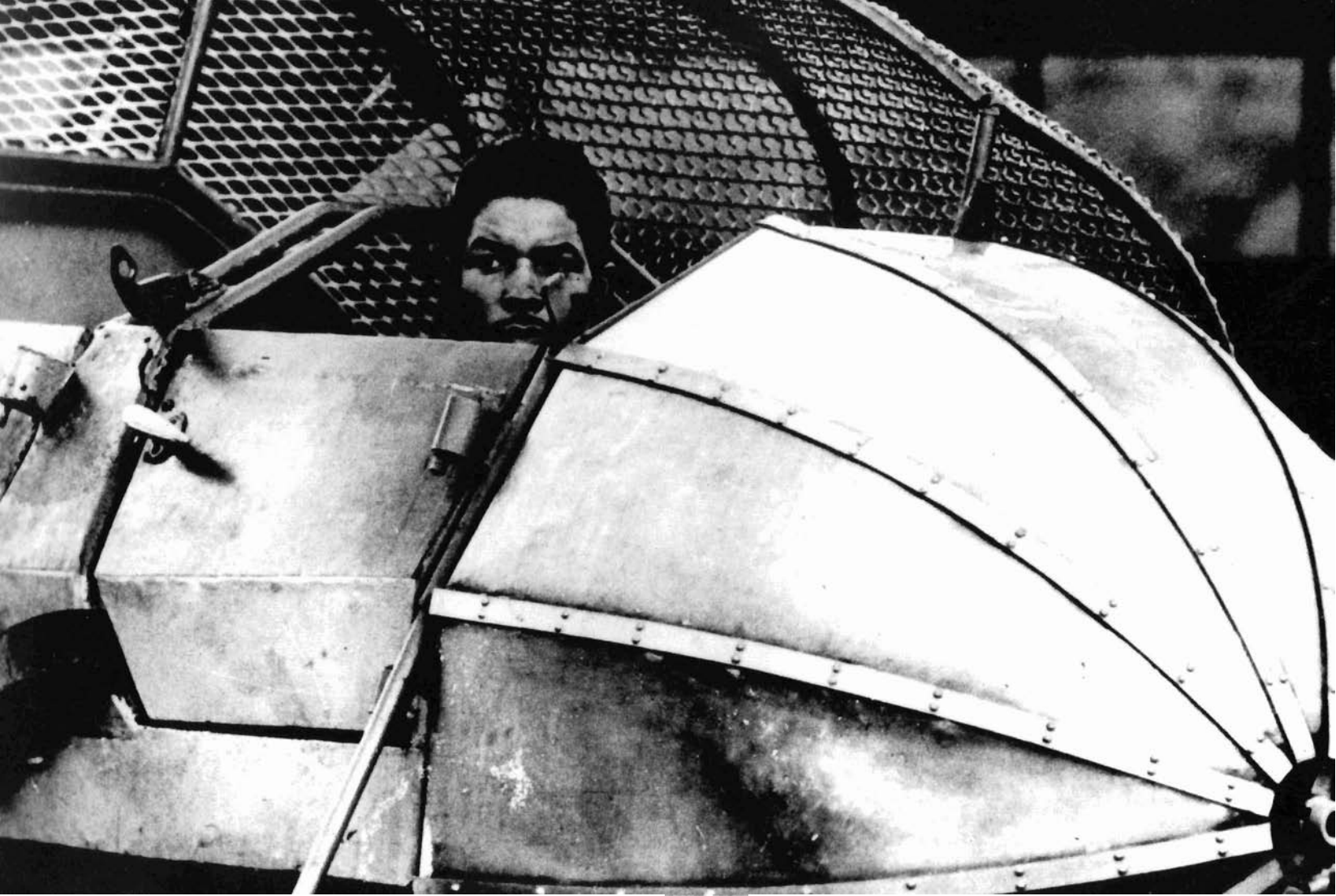
beb

CARACÚ

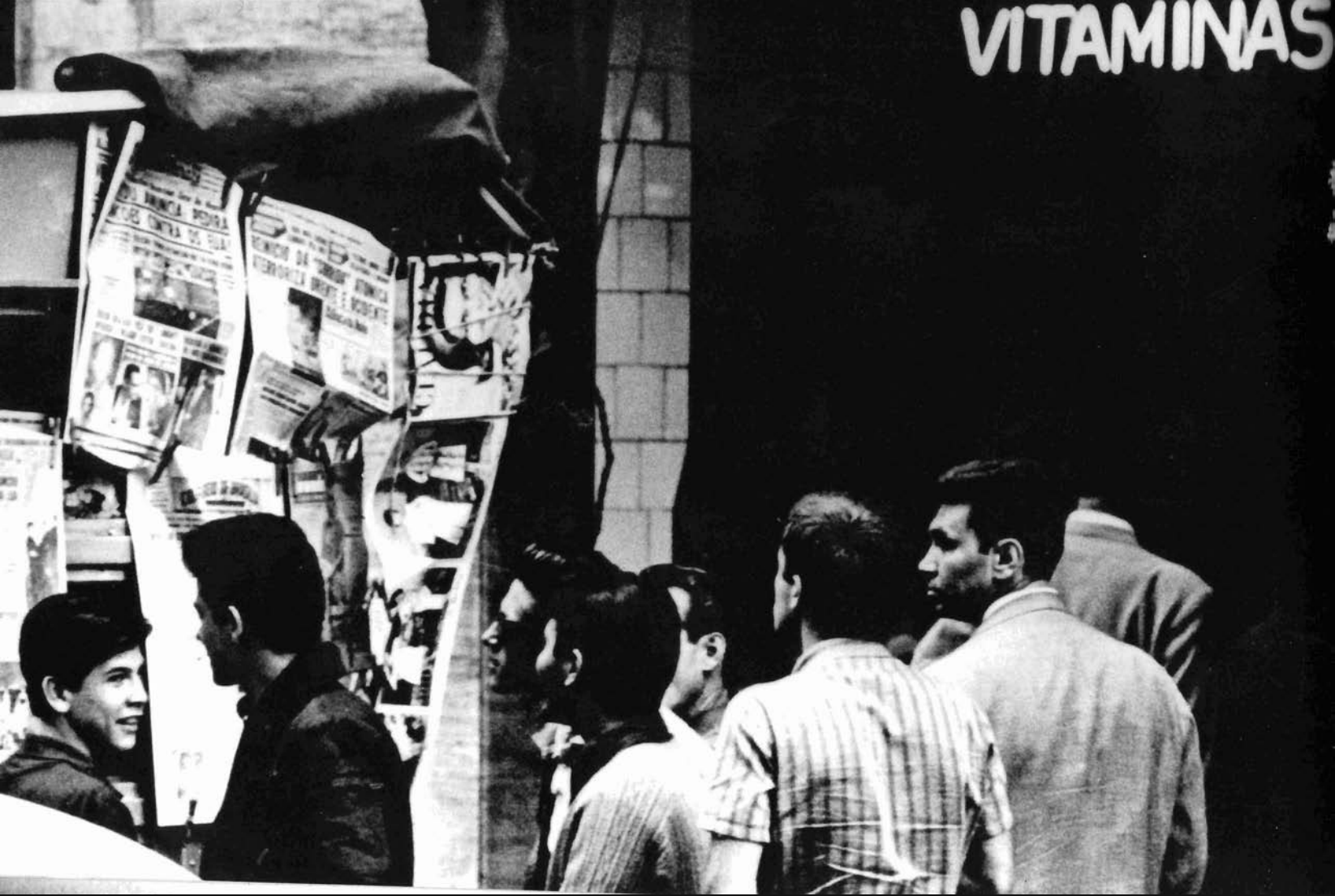


*beijos ecoando numa abóbada de reflexos
torneiras tossindo, locomotivas uivando, adolescentes roucos
enlouquecidos na primeira infância
os malandros jogam ioiô na porta do Abismo
eu vejo Brama sentado em flor de lótus
Cristo roubando a caixa dos milagres
Chet Baker ganindo na vitrola*

*eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas portas
partidas do meu cérebro
eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas chopes
vitrinas homens mulheres pederastas e crianças cruzam-se e
abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua medrosos repuxos
colisão na ponte cego dormindo na vitrina do horror
disparo-me como uma tómbola
a cabeça afundando-me na garganta*



VITAMINAS



*chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo flutuo-me
nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como um tesouro afundado
quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de centopéias libertas
ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelins de vergonha,
correrias de maconha em piqueniques flutuantes
vespas passeando em voltas das minhas ânsias
meninos abandonados nus nas esquinas
angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos
entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o parto
e o Estrondo*



A Piedade

*Eu urrava nos poliedros da Justiça meu momento abatido na extrema
paliçada
os professores falavam da vontade de dominar e da luta pela vida*



A high-contrast, black and white photograph showing a section of a wall. On the left, there is a vertical, textured surface, possibly a tree trunk or a rough wall, with a dark, irregular shape next to it. To the right, a white rectangular sign is affixed to the wall. The sign features the text "EU SOU O COMUNISMO" in a bold, sans-serif font. Below the text, there is a dark, stylized graphic element that resembles a thick vertical line with a curved base. The overall image has a grainy, high-contrast quality, with deep blacks and bright whites.

EU SOU O COMUNISMO

UM PRESENTE PARA VOCÊ



*as senhoras católicas são piedosas
os comunistas são piedosos
os comerciantes são piedosos
só eu não sou piedoso
se eu fosse piedoso meu sexo seria dócil e só se ergueria aos
sábados à noite
eu seria um bom filho meus colegas me chamariam cu-de-ferro e me
fariam perguntas por que navio bóia? Por que prego afunda?*



*eu deixaria proliferar uma úlcera e admiraria as estátuas de
fortes dentaduras
iria a bailes onde eu não poderia levar meus amigos pederastas ou
barbudos
eu me universalizaria no senso comum e eles diriam que tenho
todas as virtudes
eu não sou piedoso
eu nunca poderei ser piedoso
meus olhos retinem e tingem-se de verde
Os arranha-céus de carniça decompõem nos pavimentos
Os adolescentes nas escolas bufam como cadelas asfixiadas
arcânjos de enxofre bombardeiam o horizonte através dos meus sonhos*



Praça da República dos meus Sonhos



*A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com paciência pela paisagem
de morfina
a praça leva pontes aplicadas no centro de seu corpo e crianças brincando
na tarde de esterco
Praça da República dos meus sonhos
onde tudo se fez febre e pombas crucificadas
onde beatificados vêm agitar as massas
onde Garcia Lorca espera seu dentista
onde conquistamos a imensa desolação dos dias mais doces
os meninos tiveram seus testículos espetados pela multidão
lábios coagulam sem estardalhaço
os mictórios tomam um lugar na luz
e os coqueiros se fixam onde o vento desarruma os cabelos*

*Delirium Tremens diante do Paraíso bundas glabras sexos de papel
anjos deitados nos canteiros cobertos de cal água fumegante nas
privadas cérebros sulcados de acenos
os veterinários passam lentos lendo Dom Casmurro
há jovens pederastas embebidos em lilás
e putas com a noite passeando em torno de suas unhas
há uma gota de chuva na cabeleira abandonada
enquanto o sangue faz naufragar as corolas
Oh minhas visões lembranças de Rimbaud praça da República dos meus
Sonhos última sabedoria debruçada numa porta santa*





Poema de ninar para mim e Bruegel

*"Ninguém ampara o cavaleiro
do mundo delirante"*

Murilo Mendes

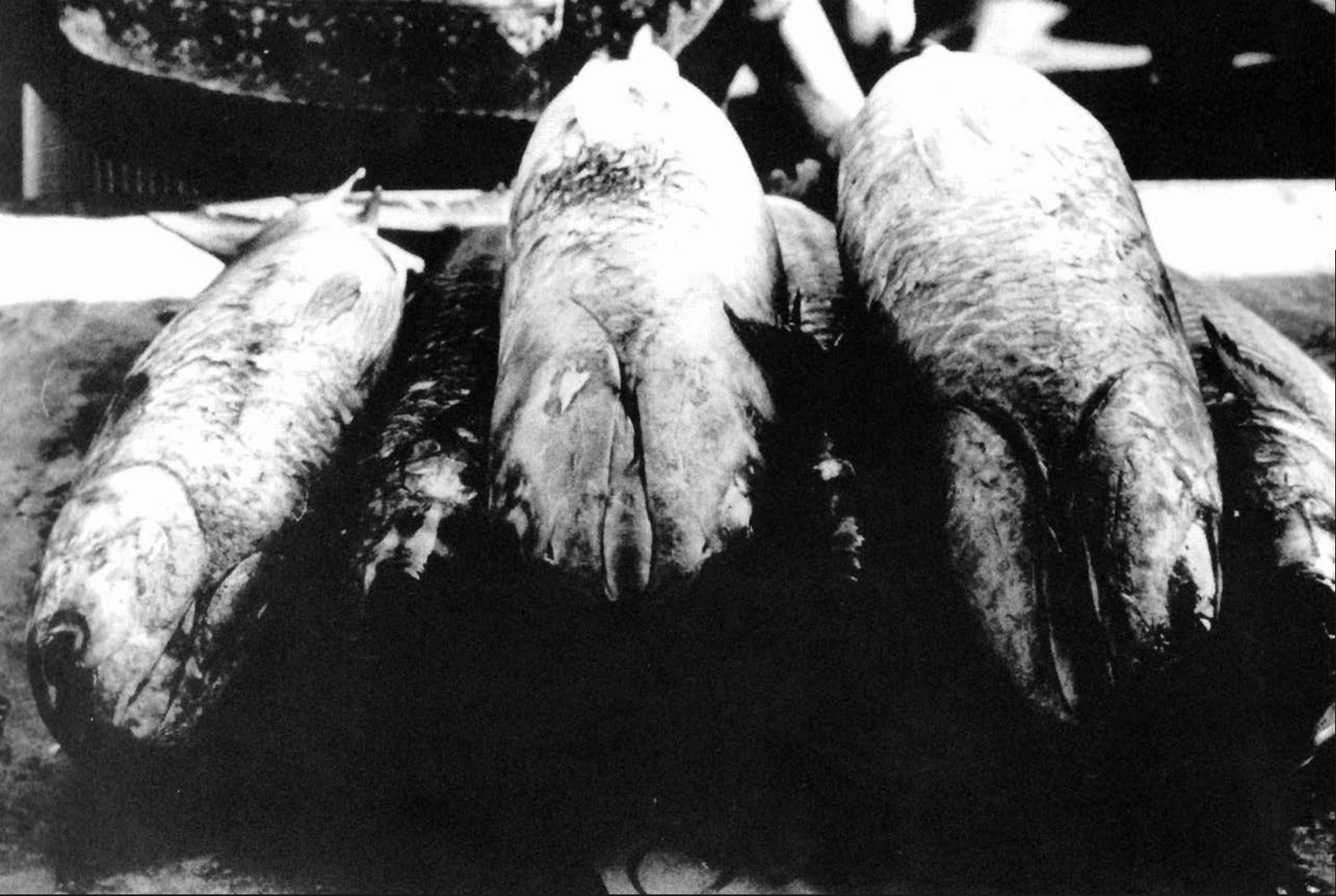
*Eu te ouço rugir para os documentos e as multidões
denunciando tua agonia às enfermeiras desarticuladas
A noite vibrava o rosto sobrenatural nos telhados manchados
Tua boca engolia o azul
Teu equilíbrio se desprendia nas vozes das alucinantes
madrugadas
Nas boates onde comias pickles e lias Santo Anselmo
nas desertas ferrovias
nas fotografias inacessíveis
nos topos umedecidos dos edifícios
nas bebedeiras de xerez sobre os túmulos*





*As leguminosas lamentavam-se chocando-se contra o vento
drogas davam movimento demais aos olhos
Saltimbancos de Picasso conhecendo-se numa viela maldita
e os ruídos agachavam-se nos meus olhos turbulentos
resta dizer uma palavra sobre os roubos
enquanto os cardeais nos saturam de conselhos bem-aventurados
e a Virgem lava sua bunda imaculada na pia batismal*

*Rangem os dentes da memória
segredos públicos pulverizam-se em algum ponto da América
peixes entravados se sentam contra a noite
O parque Shanghai é conquistado pela lua
adolescentes beijam-se no trem fantasma
sargentos se arredondam no palácio dos espelhos*





BANDAS QUEIMA
MUSICAIS ^{de} FOGOS

SHOWS

SHANGHAI

FESTAS JUNINAS 9-10-16-17-21-23-24-28-30-31-10-11-12

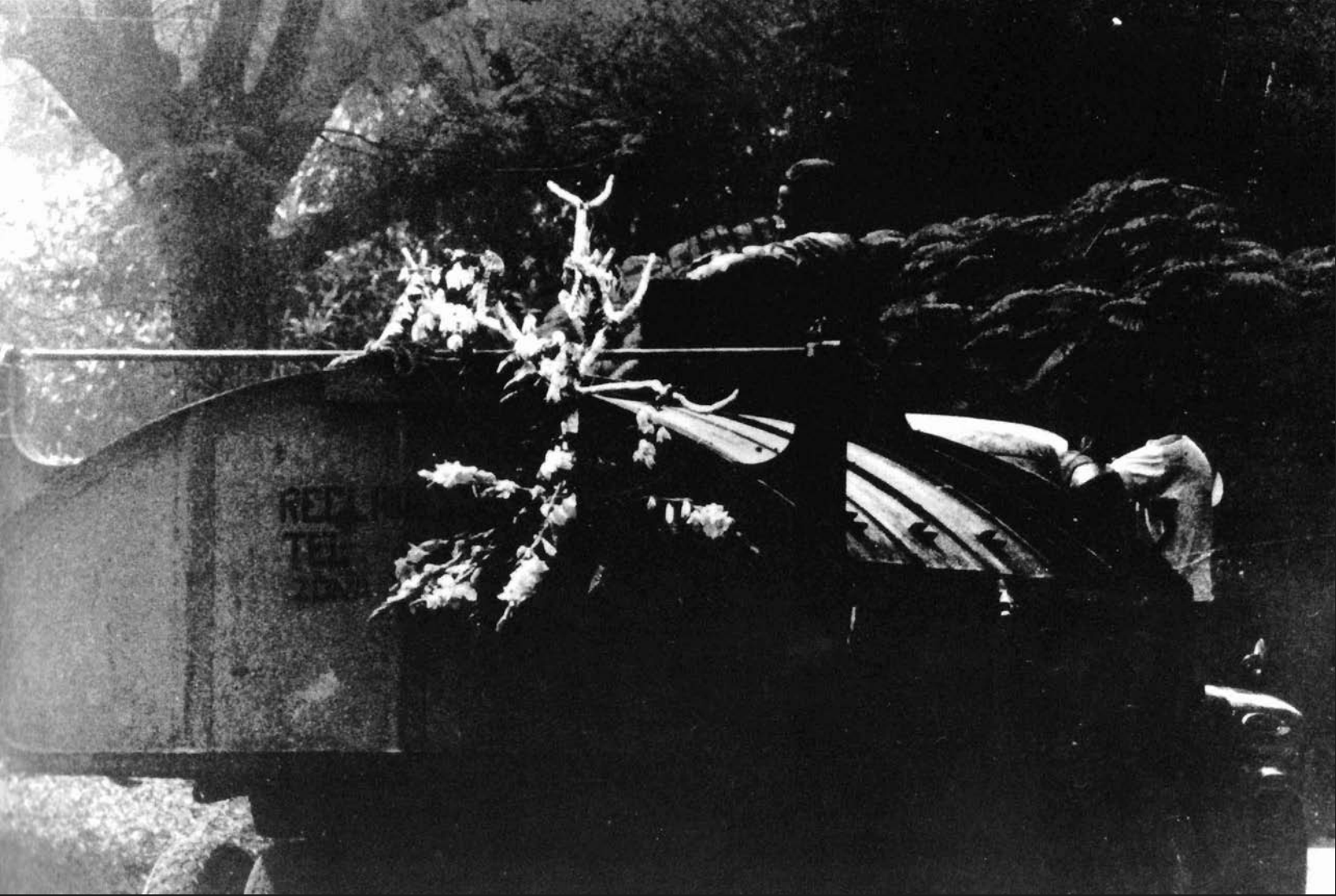
Eu percorro todas as barracas

*atropelando anjos da morte chupando sorvete
os fios telegráficos simplificam as enchentes e as secas
os telefones anunciam a dissolução de todas as coisas
a paisagem racha-se de encontro com as almas
o vento sul sopra contra a solidão das janelas e as
gaiolas de carne crua*

*Eu abro os braços para as cinzentas alamedas de São Paulo
e como um escravo vou medindo a vacilante música das flâmulas*



Boletim do Mundo Mágico





*colégios e carros fúnebres estão desertos
pelas calçadas crescem longos delírios
punhados de esqueletos são atirados no lixo
eu penso nos escorpiões de ouro e estou contente
os luminosos cantam nos telhados
eu posso abrir os olhos para a lua aproveitar o medo das nuvens
mas o céu roxo é uma visão suprema
minha face empalidece com o álcool
eu sou uma solidão nua amarrada a um poste
fios telefônicos cruzam-se no meu esôfago
nos pavimentos isolados meus amigos constroem um manequim fugitivo
meus olhos cegam minha mente racha-se de encontro a uma calota
minha alma desconjuntada passa rodando*



O Volume do Grito

*Eu sonhei que era um Serafim e as putas de São Paulo avançavam na
densidade exasperante
estátuas com conjuntivite olham-me fraternalmente
defuntos acesos tagaleram mansamente ao pé de um cartão de visitas
bacharéis praticam sexo com liquidificadores como os pederastas cuja
santidade confunde os zombeteiros
terraços ornados com samambaias e suicídios onde também as confissões
mágicas podem causar paixões de tal gênero
relógios podres turbinas invisíveis burocracias de cinza
cérebros blindados alambiques cegos viadutos demoníacos
capitais fora do Tempo e do Espaço e uma Sociedade Anônima
regendo a ilusão da perfeita Bondade*





os gramofones dançam no cais
o Espírito Puro vomita um aplauso antiaéreo
O Homem Aritmético conta em voz alta os minutos que nos faltam
contemplando a bomba atômica como se fosse seu espelho
encontro com Lorca num hospital da Lapa
a Virgem assassinada num bordel
estaleiros com coqueluche espetando banderillas no meu Tabu
eu bebia chá com pervitin para que todos apertassem minha mão
elétrica
as nuvens coçavam os bigodes enquanto masturbavas colérico sobre o
cadáver ainda quente de tua filha menor
a lua tem violentas hemoptises no céu de nitrato
Deus suicidou-se com uma navalha espanhola
os braços caem
os olhos caem
os sexos caem
Jubileu da morte
ó rosas ó arcanjos ó loucura apoderando-se do luto azul suspenso na minha
voz



Jorge de Lima, panfletário do Caos



*Foi no dia 31 de dezembro de 1961 que te compreendi Jorge de Lima
enquanto eu caminhava pelas praças agitadas pela melancolia presente
na minha memória devorada pelo azul
eu soube decifrar os teus jogos noturnos
indisfarçável entre as flores
uníssonos em tua cabeça de prata e plantas ampliadas
como teus olhos crescem na paisagem Jorge de Lima e como tua boca
palpita nos bulevares oxidados pela névoa
uma constelação de cinza esboroa-se na contemplação inconsútil
de tua túnica
e um milhão de vagalumes trazendo estranhas tatuagens no ventre
se despedaçam contra os ninhos da Eternidade
é neste momento de fermento e agonia que te invoco grande alucinado
querido e estranho professor do Caos sabendo que teu nome deve
estar como um talismã nos lábios de todos os meninos*

Stenamina boat

"Prepara tu esqueleto para el aire"

Garcia Lorca

Eu queria ser um anjo de Piero della Francesca

Beatriz esfaqueada num beco escuro

Dante tocando piano ao crepúsculo

eu penso na vida sou reclamado pela contemplação

olho desconsolado o contorno das coisas copulando no caos

Eu reclamo uma lenda instantânea para o meu Mar Morto

Tempo e Espaço pousam no meu antebraço como um ídolo



*há um osso carregando uma dentadura
Eu vejo Lautréamont num sonho nas escadas de Santa Cecília
ele me espera no largo do Arouche no ombro de um santuário
hoje pela manhã as árvores estavam em Coma
meu amor cuspiu brasas nas bundas dos loucos
havia tinteiros medalhas esqueletos vidrados flocos d'álcool
explodindo no cu ensanguentado dos órfãos
meninos visionários árcanjos de subúrbio entranhas em êxtase alfinetados
nos mictórios atômicos
minha loucura atinge a extensão de uma alameda
as árvores lançam panfletos contra o céu cinza*



Poema lacrado

*meu abraço pluriisexual na sua
imagem niquelada
onde o grito
desliza suavemente nos seios fixos
a
diminuta peça teatral estreando para os alucinados
e as
crianças instalavam transatlânticos nas bacias
de água morna
Tarde de estopa carcomida
e pêssego com marshmallow no Lanches Pancho*





*meu pequeno estúdio invadido por meus amigos
bêbabos
Miles Davis a 150 quilômetros por hora
caçando minhas visões como um demônio
uma avenida sem nome e uma esferográfica Parker
nos meus manuscritos
e os anjos catando micróbios psicomânticos
dentro dos Táxis
minhas alucinações arrepiando os cabelos do sexo de Whitman
ó janela insone que a chuva
abre desesperada!
— ó delírio das negras à saída das
prisões!*

*os drinks desfilam diante dos amigos
embriagados no tapete*

Saratoga Springs

Kummel Coquetel

*minhas almas estão sendo enforcadas
com intestinos de esqualos*

meus livros flutuam horripelmente

no parapeito meu melhor amigo

brinca de profeta

no meu cérebro oito mil vagalumes

balbuciam e morrem





LYDIA

☆ 29-6-1908

+ 10-12-1933

DESCA

NÃO T

NEM

TUA

EM F

HA DI

NO GO

L'ovale delle apparizioni

*"...e quindi il vivere è di sua
propria natura uno stato violento".*

Leopardi

*Eu queria ver as caras dos estranhos embaixadores da Bondade quando me
vissem passar entre as rosas de lama fermentando nas ruelas onde
a Morte é tal qual uma porrada
tilintam campainhas nas asas dos anjos que vão passar
tanto as cidades que percorrem como as cidades que abandonam estão vazias
som morte tempo ossos verdes vontade energia e as habituais velhas
loucas distribuindo bombons aos meninos pobres*

*o apito disentérico das fábricas expulsando escravos
bailarinos trazendo a maresia nojenta dos fiordes endoidecendo atrás
dos tapumes indevassáveis
grossas fatias de penumbra nos olhos vencidos pelo álcool
eixos titânicos montados na mente onde a homossexualidade quer nos
comer vivos
partos desenfreados extraindo larvas angulosas
e as crianças fazendo haraquiri ao som de Lohengrin
sobre os pavimentos desolados o firmamento está distante como nunca
nós provamos a esperança desesperada que acompanha cada gosto ritual
enquanto nossas tripas agonizam nos indefesos caules das hortênsias*



**CONSUL
HOTEL**

**PAPELARIA
ANDREOTTI
TIPOGRAFIA**

HOTEL

Rua das Palmeiras

*Minha visão com os cabelos presos nos rumores de uma rua o sol fazendo
floreecer as persianas por detrás do futuro
meu impulso de conquistar a Terra violentamente descendo uma rua
gasta
minha vertigem entornando a alma violentamente por uma rua estranha
os insetos as nuvens costuram o espaço avermelhado de um céu sem dentes
as copeiras se estabelecem nas sacadas para gritar
o sangue fermenta debaixo das tábuas
meninas saem de mãos dadas sem que a Tarde deixe marca nas unhas
onde está tua alma sempre que o velho Anjo conquista as árvores
com seu sêmen?*



*os aviões desencadeiam uma saudade metálica do outro lado do mundo
colunas de vômito vacilam pelos olhos dos loucos
corpos de bebês mortos apontam na direção de uma praça vazia
o tapume os vultos meu delírio prestes a serem obliterados pelo
crepúsculo
almas inoxidáveis flutuando sobre a estação das angústias suarentas
as palavras cobrem com carícias negras os fios telefônicos
no ar no vento nas poças as bocas apodrecem enquanto a noite
soluça no alto de uma ponte*



Os anjos de Sodoma

*Eu vi os anjos de Sodoma escalando
um monte até o céu*

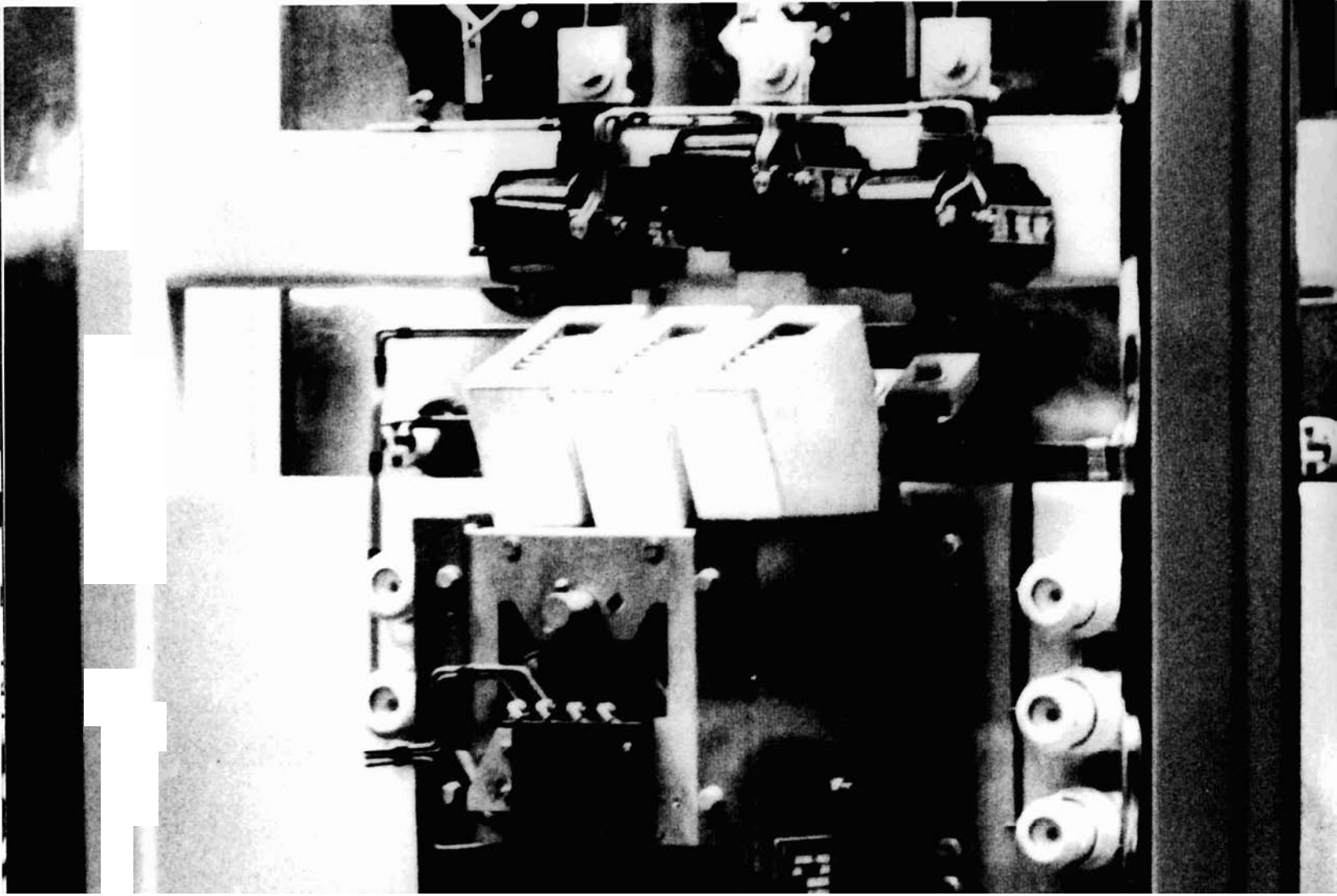
*E suas asas destruídas pelo fogo
abanavam o ar da tarde*

*Eu vi os anjos de Sodoma semeando
prodígios para a criação não
perder seu ritmo de harpas*

*Eu vi os anjos de Sodoma lambendo
as feridas dos que morreram sem
alarde, dos suplicantes, dos suicidas
e dos jovens mortos*

*Eu vi os anjos de Sodoma crescendo
com o fogo e de suas bocas saltavam
medusas cegas
Eu vi os anjos de Sodoma desgrenhados e
violentos aniquilando os mercadores,
roubando o sono das virgens,
criando palavras turbulentas
Eu vi os anjos de Sodoma inventando a
loucura e o arrependimento de Deus*





Paisagem em 78 R.P.M.

*A criança abaixa as sobrancelhas
e o sorvete
sobre a cabeça de lata de Camões
esquecida atentamente nos estofos normais de um Packard
Eu sou naquela tarde um ritmo
sabendo de antemão um coração ferido
Sem ser necessariamente elogiado pelos plátanos
ou saltar das fronteiras
de São Paulo para abraçar
as redondilhas da vida pastoral
Os filantropos entraram com o pé direito
na Casa da Aventura Lansquené
e os pardais urravam nos ninhos
feitos com cabelos de Trotski*





*as latas de compota riam com as línguas
de fora
o Sol se punha nos meus planos*

e

a

nossa

*amante ruiva bota no pescoço um
lenço verde de Tolstoi*

No alto

do Viaduto o louco colova pedacinhos de céu

na camisa de força

destruindo o horizonte a marteladas

a Morte

é

um

REFRÃO NO CRÂNIO SEM JANELAS



No Parque Ibirapuera

*Nos gramados regulares do Parque Ibirapuera
Um anjo da Solidão pousa indeciso sobre meus ombros
À noite traz a lua cheia e teus poemas, Mário de Andrade, regam minha
imaginação
Para além do parque teu retrato em meu quarto sorri
para a banalidade dos móveis
Teus versos rebentam na noite como um potente batuque
fermentado na rua Lopes Chaves*





*Por detrás de cada pedra
Por detrás de cada homem
Por detrás de cada sombra
O vento traz-me o teu rosto*



*Que novo pensamento, que sonho sai de tua fronte noturna?
É noite. E tudo é noite.
É noite nos pára-lamas dos carros
É noite nas pedras
É noite nos teus poemas, Mário!
Onde anda agora a tua voz?
Onde exercitas os músculos da tua alma, agora?
Aviões iluminados dividem a noite em dois pedaços
Eu apalpo teu livro onde as estrelas se refletem
como numa lagoa*

*É impossível que não haja nenhum poema teu
escondido e adormecido no fundo deste parque
Olho para os adolescentes que enchem o gramado
de bicicletas e risos
Eu te imagino perguntando a eles:
onde fica o pavilhão da Bahia?
qual é o preço do amendoim?
é você meu girrassol?*





*A noite é interminável e os barcos de aluguel
fundem-se no olhar tranqüilo dos peixes
Agora, Mário, enquanto os anjos adormecem devo
seguir contigo de mãos dadas noite adiante
Não só o desespero estrangula nossa impaciência
Também nossos passos embebem as noites de calafrios
Não pares nunca meu querido capitão-loucura
Quero que a Paulicéia voe por cima das árvores
suspensa em teu ritmo*



Poema Porrada

*Eu estou farto de muita coisa
não me transformarei em subúrbio
não serei uma válvula sonora
não serei paz
eu quero a destruição de tudo que é frágil:
 cristãos fábricas palácios
 juízes patrões e operários
uma noite destruída cobre os dois sexos
minha alma sapateia feito louca
um tiro de máuser atravessa o tímpano de
 duas centopéias
o universo é cuspidor pelo cu sangrento
 de um Deus-Cadela
as vísceras se comovem
eu preciso dissipar o encanto do meu velho
 esqueleto
eu preciso esquecer que existo*





*mariposas perfuram o céu de cimento
eu me entrincheiro no Arco-Íris
Ah voltar de novo à janela
perder o olhar nos telhados como
se fossem o Universo
o girassol de Oscar Wilde entardece sobre os tetos
eu preciso partir um dia para muito longe
o mundo exterior tem pressa demais para mim
São Paulo e a Rússia não podem parar*



*quando eu ia ao colégio Deus tapava os ouvidos para mim?
a Morte olha-me da parede pelos olhos apodrecidos
de Modigliani
eu gostaria de incendiar os pentelhos de Modigliani
minha alma louca aponta para a Lua
vi os professores e seus cálculos discretos ocupando
o mundo do espírito
vi criancinhas vomitando nos radiadores
vi canetas dementes hortas tampas de privada
abro os olhos as nuvens tornam-se mais duras
trago o mundo na orelha como um brinco imenso
a loucura é um espelho na manhã de pássaros sem Fôlego*

PROF. GROSU APRESENTA

MARA A MULHER
FERA

EM ANIMAÇÃO

Poema da Eternidade sem Visceras

*Na última lua eu odiava as montanhas
minha memória quebrada não pode receber
o amor
eu tomava sopa aguardando meus amigos desordeiros
no outro lado da noite
este é o meu estranho emprego este mês
outro tempo quando o velho Gide se despachava para a África
meu coração era sólido eu dançava
eu assistia uma guerra de chapéus e as brancas
lacerações dos garotos no Ibirapuera angélico
terreno vazio onde eu mastigava tabletes de
chocolate branco*





*no próximo instante eu vi árvores e aeroplanos com bigodes
e lágrimas de Ouro*

no Ibirapuera esta noite eu perdi minha solidão

ROBERTO PIVA TRANSFERIDO PARA REPARO DE VÍSCERAS

todos os meus sonhos são reais oh milagres epifanias

*do crânio e do amor sem salvação que eu sabia presos
no topo da minha alma*

*meu esqueleto brilhava na escuridão
repleto de drogas*

*eu nunca estou satisfeito e ando um incorrigível demônio
lunático com os dez dedos roídos tamborilando num campo
magnético*

*memória do arsênico que eu dei a uma pomba
os olhos cinzentos do céu meu oculto Totem espiritual*



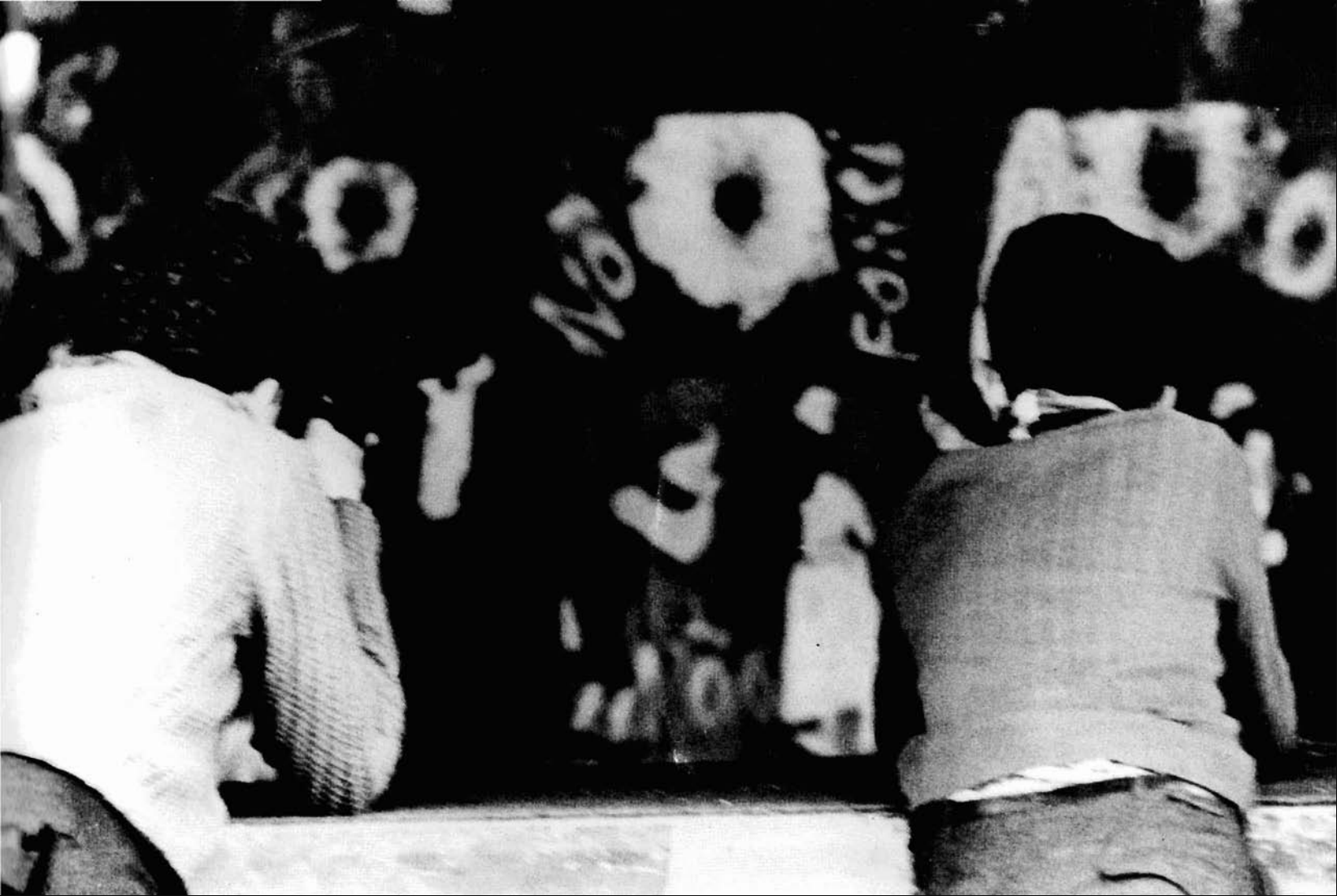
ESTRATOSFERICO

AUT

IA

Meteoro

*Eu direi as palavras mais terríveis esta noite
enquanto os ponteiros se dissolvem
contra o meu poder
contra o meu amor
no sobressalto da minha mente
meus olhos dançam
no alto da Lapa os mosquitos me sufocam
que me importa saber se as mulheres são
férteis se Deus caiu no mar se
Kierkegaard pede socorro numa montanha
da Dinamarca?*





*os telefones gritam
isoladas criaturas caem no nada
os órgãos de carne falam morte
morte doce carnaval de rua do
fim do mundo
eu não quero elegias mas sim os lírios
de ferro dos recintos
há uma epopéia nas roupas penduradas contra
o céu cinza
e os luminosos me fitam do espaço alucinado
quantos lindos garotos eu não vi sob esta luz?*



*eu urrava meio louco meio estarrado meio fendido
narcóticos santos ó gato azul da minha mente!
eu não posso deter nunca mais meus Delírios
Oh Antonin Artaud
Oh Garcia Lorca
com seus olhos de aborto reduzidos
a retratos*



almas
almas
como icebergs
como velas
como manequins mecânicos
e o clímax fraudulento dos sanduíches almoços
sorvetes controles ansiedades
eu preciso cortar os cabelos da minha alma
eu preciso tomar colheradas de
Morte Absoluta
eu não enxergo mais nada
meu crânio diz que estou embriagado
suplícios genuflexões neuroses
psicanalistas espetando meu pobre
esqueleto em férias

